

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

FOLIA DE REIS

Maria Aparecida Nogueira Schimit¹

Hoje é dia de santo Reis, oiáíá... oiáíá...

Pandeiros, toscos violinos, sanfonas, bumbos, almas aspergidas de alegria e cachaça, se arrastam gingando nas ruas de pó vermelho, sulcadas pelas rodas dos carros de boi.

As palavras sertanizam as ideias e remetem a um tempo em que as memórias adormecem no nevoeiro das lembranças.

O pião de madeira encardido dos moleques roda encordoado no chão, e vozes marungam solenes diante das casas.

– O menino-Deus pode entrar? É a bandeira do Santo Reis.

Janeiro se respinga das tradições, e os dias do calendário dançam na folia de Reis.

– Deus te sarve oratório!...

Um choro de menino novo parte o coração da gente que em coro entoa – Deus sarve a luz do dia, Deus sarve a claridade...

No portão do quintal, largo de tábuas gretadas, o cadeado agrilhoa nos elos de grossa corrente, a vida de

¹ Pós-doutora em Letras Neolatinas pela UFRJ, com vivência nas regiões interioranas do Brasil e nas serras andinas peruanas, de onde recorta pedaços da realidade para com eles tecer contos, poemas, romances. Leciona para o Mestrado em Letras do CES/JF – SMC, tendo como linha de pesquisa os “Processos Transculturais na Literatura Brasileira” e como ideal a inclusão das culturas marginalizadas, na interpenetração dos diferentes códigos de contato, no transporte das tradições ameríndias, negras e europeias para o meio literário. E-mail: vschmitt@terra.com.br

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Lourdes. O marido, jovem ainda, já de manhã tranca a história da mulher, enovelada na das duas crianças entretidas em esgravatar a terra, descarnando as grossas raízes do abacateiro no quintal, e nos poucos dias de chegada do recém-nascido, ávido do leite e do calor materno.

Ó di casa, ó nobre gente.

Qui hora tão excelente...

Dois pares de olhos negros, saídos dos grandes olhos cor de noite da mãe, tentam, nas frinchas do portão, enxergar pedaços de vida, vestidos de chita colorida de cores extravagantes.

– Mamãe, olha os marungos.

– Sai já daí, as duas! Seu pai há de ficar bravo como quê, se souber que a folia parou aqui.

– Mas mamãe... é bonito que dá medo. Deixa mamãe, deixa ver daqui de dentro.

– A folia vai ouvir. Sai daí, diacho!

Pronto, choro de bebê, grito silencioso das meninas, pavor da mãe.

– Mulher - o homem resmunga triturando torresmos crocantes e engolindo feijão do almoço – atendeu alguém na porta ou na janela hoje?

Os grandes olhos escuros, emoldurados pelos cachos negros da basta cabeleira que, apressadamente ajuntada no alto da cabeça, na lida escorrega em cascatas pelas espáduas morenas, emitem lampejos da cor da submissão.

Com um ruído gutural, a negativa prontamente espreme-se num hum... hum.

– Então já sabe, hein? Não sou homem de ninguém deitar corno.

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Sai sem olhar para as meninas, encolhidas no chão,
brincando de nada, aos pés da mesa.

Espreguiça o corpo dolorido, moído do trabalho na
fábrica de caldeiras, antes de fechar a corrente, que dessa vez
geme chorosa.

A água escorre espumas do tanque de roupas lavadas.
Na corda, expostas ao sol escaldante do meio da tarde, peças
do vestuário infantil falam com maior ou menor exatidão a
idade dos corpos que agasalham. Do casal, o tempo nada
conta. Das crianças que pulam corda com a linha do
horizonte, que fatiam pedaços de nuvens para nutrir-se de
fantasias, o momento fala de meninas de três ou quatro anos
e de um bebê.

– Lourdes, ô Lourdes! Abre a janela, por amor de Deus.

– Os ouvidos descuidam do pensamento, e as duas
bandas da janela abrem de par a par.

– O Paulinho, criatura. Queimou o braço com café
quente. Tem aí alguma coisa do neném, pra queimadura?

Lourdes estende o bálsamo para a vizinha, no instante
em que lhe chega a realidade, trazida de volta no guincho
funesto do gavião que corta os ares.

Santo Reis e Nossa Senhora

Foi passeá em Belém

São José pediu esmola

Santo Reis pede também.

Lourdes bate a janela com um gosto amargo na boca e o
coração aos saltos. A folia penetra no alpendre da casa. E
canta e dança e insiste.

A ismola que vóis dá

Nóis viemo arrecebê

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

O glorioso santo Reis

É quem vai agradecê.

Lourdes tira o pequeno do berço, aconchega-o no peito para não ter choro. As meninas correm festeiras na esperança da novidade.

Mas, e se Deus se sente destrutado numa casa que não se abre pro santo Reis? E se a desgraça recair sobre marido e filhos? E se...?

Os pés vacilam indecisos, o pavor se instala em Lourdes. O canto dos marungos dialoga com o silêncio da mulher, dando-lhe respostas às perguntas não feitas.

Sôr dono da casa

Alevanta e cende a luz

Vem a ver santo Reis

O retrato de Jesus

Lourdes treme num calafrio que lhe percorre a espinha. Agora não tem mais jeito. Desliza entre as cadeiras da pequena sala, e a alma decide. Na janela entreaberta aparece a mulher, entregando uma pequena moeda. O sol ilumina o metal com intensidade. Lourdes vê as mãos chagadas de Cristo se estenderem para receber o óbulo. Do céu descem raios azulados que aureolam a fragilidade transfundida de coragem.

Santo Reis veio voano

Nos are fez um remanso

Procurô sua morada

Pra fazê o seu descanso.

Oswaldo, tua mulher acaba de encher de homem a tua casa. Tá uma festa só. Marido de mulher bonita, mais cedo ou mais tarde...

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Um raio corta o coração de Osvaldo. Na caixa de ferramentas uma delas se desenha em arma. O homem caminha a passos de tropel. Escancara a porta da casa num solavanco. A faca em punho antecipa tragédia. As meninas se abraçam costurando-se uma à outra. Lourdes amamenta o filho. O desvairio leva o pai e o marido, deixando o demônio em seu lugar.

Desfecha o primeiro golpe no seio entumecido de leite, passando a lâmina rente ao rosto do inocente que suga o alimento.

-É o nosso filho! Por Deus!

O facínora toma da mãe a criança, atira-a ao chão e desfere-lhe pontapés.

Volta-se para Lourdes ensandecido e a esfaqueia repetidamente. A mulher cai ao solo e os golpes continuam até que os dois olhos negros, fitos na cruz da parede, prendem-se no vazio.

O assassino foge, abandonando o corpo, já sem vida. A criança chora no outro ângulo do quarto.

No chão, um fio de sangue e leite corre em direção daquele de quem tudo é tirado pelo próprio pai.

Da pobre casa, a tragédia pintou de negro a história do lugar. Contada em todos os tempos, queimada nas velas da campa que abriga o amor incondicional da mãe zelosa, da mulher vilipendiada.

Na lápide de Lourdes, a Folia registra em recado choroso:

Concluimos este canto

Fazeno o siná da cruz

Pade, Fio, Espírito Santo

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Pra sempre, amém Jesus.